

O Estado do Pará

Situado no centro leste da região Norte do Brasil, o Estado do Pará é o segundo do País em superfície (o maior é o Estado do Amazonas), com 1.253.164,5 km², o que representa mais de duas vezes o território da França. Limita-se ao norte com o Suriname e o Estado do Amapá; a nordeste com o Oceano Atlântico; a leste com os Estados do Maranhão e Tocantins; ao sul com o Estado de Mato Grosso; e a noroeste com a Guiana e o Estado de Roraima. O relevo do Estado apresenta três aspectos distintos que incluem (1) o Planalto Norte-Amazônico, formado quase integralmente por terrenos cristalinos, representando uma das parcelas do Planalto das Guianas, onde se encontram as serras de Acari e Tumucumaque (cerca de 850 metros de altitude); (2) a Planície Amazônica, faixa sedimentar estreita e alongada no sentido sudoeste-nordeste, através da qual corre o rio Amazonas; e (3) o Planalto Sul-Amazônico, que se constitui parcela do Planalto Central brasileiro, elevando-se em direção ao sul, onde se encontra a serra dos Carajás.

A origem do nome Pará vem do termo Pa'ra, que significa rio-mar na língua indígena tupi-guarani. Era como os índios denominavam o braço direito do rio Amazonas, engrossado com as águas do rio Tocantins, que o torna tão vasto ao ponto de não se poder ver a outra margem, mais parecendo um mar do que um rio. Ao chegarem à região, os portugueses deram primeiramente o nome à terra de Feliz Luzitânia, que foi depois substituído pelo de Grão-Pará (grande rio), para finalmente, se tornar apenas Pará.

Além de ser o principal rio do Estado, o Amazonas é também a grande via hidroviária regional. Entre seus principais afluentes no Estado do Pará destacam-se os rios Tapajós, Xingu e Tocantins, na margem direita; e os rios Trombetas, Maicuru, Paru e Jari, na margem esquerda. Próximo à foz do Amazonas encontra-se o rio Pará, e nos limites com o Estado do Maranhão corre o rio Gurupi. A bacia hidrográfica do Estado do Pará abrange área de 1.253.164,5 km², sendo 1.049.903,5 km² pertencentes à bacia Amazônica e 169.003,5 km² pertencentes à bacia do Tocantins. Encontra-se ainda no rio Tocantins a usina hidrelétrica de Tucuruí, com área inundada de 2 430 km² e capacidade de geração de energia de 7 745 MW.

O clima do Estado do Pará é tipicamente equatorial, com médias térmicas anuais entre 24 e 26°C, além de alto índice pluviométrico, que chega a alcançar 2.000 mm nas proximidades do rio Amazonas. A quase totalidade de sua área encontra-se na Floresta Amazônica, exceto nas partes onde existem formações de campos - região do baixo rio Trombetas e Arquipélago do Marajó.

De acordo com o censo demográfico de 1991, a população do Estado do Pará totaliza 4.964.000 habitantes, com uma densidade populacional de 4,13 habitantes por km². A projeção do IBGE para o ano de 1995 é de que existiam 5.448.600

habitantes no Estado. A população urbana corresponde a 59,5% do total e a população que habita o meio rural representa 40,5%. As mulheres não são maioria no Estado, representando 49,44% da população total, enquanto os homens totalizam 50,56% da população. O índice geral de mortalidade em 1991 era de 3,32 por mil habitantes, enquanto o índice de mortalidade infantil em 1990, era de 54,19 óbitos por mil crianças nascidas vivas.

O chefe do Poder Executivo do Estado do Pará é o Governador, eleito por voto direto pela população, para um mandato de quatro anos. O atual Governador Almir Gabriel, eleito em 15 de novembro de 1994, pertence ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), o mesmo do qual faz parte o presidente da República, Fernando Henrique Cardoso. O Estado encontra-se representado no Congresso Nacional em Brasília, capital do País, por três senadores e 17 deputados federais. A Assembléia Legislativa do Estado é integrada por 41 deputados estaduais. Os eleitores do Estado do Pará totalizavam 2.783.131 no ano de 1994.

A composição da economia do Estado do Pará é diversificada, baseando-se no extrativismo (mineral e vegetal), na agricultura, na pecuária e também na indústria. Entre os produtos cuja produção mais se destaca encontram-se a laranja, a cana-de-açúcar, o milho, a pimenta-do-reino, o arroz, a mandioca, o cacau, o feijão, frutas silvestres, palmito e côco dendê. Na pecuária predomina a criação de galináceos, seguidos pelos bovinos, suínos, eqüinos e ainda os bubalinos. Na área de mineração destacam-se o ferro, a bauxita, o manganês, o calcário, o ouro e o estanho. Predominam no Estado do Pará as indústrias alimentícia, madeireira e de mineração.

Formação Histórica - A região onde hoje se encontra o Estado do Pará foi diversas vezes invadida desde o início do século XVI, por holandeses e ingleses em busca de sementes de urucum, guaraná e pimenta. A ocupação portuguesa consolidou-se em 1616, com a fundação do Forte do Presépio, mais tarde denominado Forte do Castelo, na baía de Guajará, que deu origem à cidade de Belém. Em 1621, o território passa a fazer parte da província do Maranhão e Grão-Pará, integração criada com o objetivo de melhorar as defesas da costa e os contatos com a metrópole, uma vez que as relações com a capital da colônia, Salvador, localizada na costa atlântica, eram dificultadas pelas correntes marítimas. No século XVII, a região conheceu um período de grande prosperidade, com a proliferação de lavouras de café, arroz, cana-de-açúcar, cacau e tabaco, além de fazendas de gado. A integração do Maranhão e Grão-Pará foi desfeita em 1774, época que coincidiu com certa estagnação da economia local. No final do século XIX, no entanto, o crescimento econômico foi retomado, a partir da exploração da borracha, que trouxe grande desenvolvimento para a região norte do País. Ao longo do século XIX ocorreram no Pará alguns movimentos de insurgência contra Portugal, entre os quais se destaca o movimento popular da Cabanagem, ocorrido em 1835 e sufocado em seguida, que chegou a decretar a independência da província e instalar um novo governo em Belém.

Belém - Capital do Estado do Pará, a cidade de Belém está situada a 160 km ao sul do Equador, às margens da Baía de Guajará, no estuário do rio Tocantins e do rio Pará. Ocupa área de 736 km² e tem população de 1.390.039 habitantes, dos quais 52,5% são homens e 47,5% são mulheres.

A cidade foi fundada como porto fluvial, em 12 de janeiro de 1616, logo após a expulsão dos franceses da cidade de São Luiz, hoje capital do Estado do Maranhão. Foi planejada visando a defender ou dificultar investidas de outros estrangeiros na região norte da América Portuguesa. Em 1751 tornou-se capital do Estado do Maranhão e do Grão-Pará, que abrangia todo o extremo norte do Brasil.

Conhecida como a "Cidade das Mangueiras", pelo grande número dessas árvores ali existentes, Belém possui muitas atrações especiais, além de prédios históricos que refletem traços do século XVII. Entre as suas principais atrações encontram-se os Mercados Municipal (de carne) e o Mercado de Ferro (de peixes), situados às margens da baía de Guajará, formada pelos rios Guamá, Moju e Acará. Nos arredores desses mercados, e fazendo parte de um mesmo complexo, encontra-se o ancoradouro-feira Ver-o-Peso, próximo ao local onde nasceu a cidade. No Ver-o-Peso, que já se caracteriza como cartão postal de Belém, as cores, cheiros e sabores se misturam, exibindo uma paisagem variada e original. No ancoradouro simples aportam pitorescos barcos de pesca e canoas que desembarcam diversos tipos de produtos, desde peças artesanais de cerâmica, a ervas originárias da Amazônia, utilizadas para finalidades diversas. Existem ervas para curar doenças, ervas com perfumes, raízes aromáticas, dentes de jacaré que, segundo a crença local, protegem as pessoas, patas de coelho para atrair felicidade, colares de contas da floresta etc. Próximo ao mercado encontra-se também o casarão Solar da Beira, antiga Fiscalização Municipal, hoje dividido em boxes para a venda de artesanato local.

A economia do município de Belém baseia-se primordialmente nas atividades do comércio e serviços, embora seja também desenvolvida alguma atividade agrícola, especialmente no cultivo de mandioca, dendê, laranja, arroz, milho, cacau e feijão, além da extração da borracha.

A Câmara Municipal é composta por 33 vereadores e o chefe do Poder Executivo Municipal, eleito em 1996, para um mandato de quatro anos, é o Prefeito Edmilson Brito Rodrigues, do Partido dos Trabalhadores (PT).

A arquitetura colonial da cidade de Belém reflete, em muitos aspectos, a paisagem arquitetônica da cidade de Lisboa, em Portugal, no século XVIII, que serviu de inspiração para os principais projetos de casas e sobrados locais da época, com o uso freqüente de azulejos em suas fachadas. Muitas das construções do final do século XIX e início do século XX foram projetadas por mestres portugueses, em estilos que misturavam, também, traços da arquitetura francesa.

O mais importante arquiteto da cidade de Belém, que construiu praticamente todas

as suas igrejas e principais edifícios, foi Antonio Giuseppe Landi, italiano que se transferiu para o Grão-Pará em meados do século XVIII.

Nas proximidades de Belém encontram-se lindas praias em ilhas fluviais de rara beleza. A histórica ilha do Mosqueiro, aprazível local onde os habitantes da cidade costumam passar seus momentos de lazer, já aparecia com o mesmo nome nos mapas portugueses que datam de 1680. Era um porto intermediário dos pescadores que abasteciam de peixe a pequena cidade que surgiu do Forte do Presépio, hoje Belém. Por sua posição geográfica, tornou-se lugar ideal para moqueação dos peixes.

Museu Emílio Goeldi - Fundado no ano de 1866 e conhecido mundialmente, constitui-se importante centro de estudos e pesquisas da natureza da Amazônia, além de ser um museu natural rico em espécies da flora e da fauna da região. Sua criação originou-se da organização da chamada Sociedade Filomática, que depois se tornou Museu Paraense, resultado do esforço de um grupo de estudiosos, liderados pelo cientista Domingos Soares Penna, que desejavam criar um centro de estudos de História Natural. Mais tarde recebeu o nome de Museu Paraense Emílio Goeldi, em homenagem ao zoólogo suíço que levou a instituição ao auge de seu prestígio internacional.

Existem no Museu Emílio Goeldi amostras de grande número de espécies nativas da fauna da Amazônia: onças, macacos, araras, papagaios, gaviões, periquitos, urubus-rei, mutuns, jacarés, grande variedade de peixes, lontras, ariranhas, tartarugas, serpentes etc. A flora encontrada no Museu torna o espaço uma miniatura da floresta Amazônica, onde se encontra também um lago repleto de espécies de vitórias-régia. O Museu possui ainda uma biblioteca especializada em assuntos amazônicos e vasto acervo arqueológico e etnológico, que inclui todos os aspectos da cultura indígena da Amazônia. O campus do Museu, localizado fora do sítio urbano, realiza pesquisas da Amazônia, alcançando renome científico internacional.

Círio de Nazaré - A tradição paraense do culto à Nossa Senhora de Nazaré originou-se em Portugal, onde se conta que a santa salvou a vida de um nobre no momento em que este se viu prestes a cair em um precipício com seu cavalo. Divulgado o fato pelos portugueses em Belém, constatou-se, mais tarde, novo milagre da santa, desta vez para um caçador da floresta Amazônica. A devoção à Nossa Senhora de Nazaré foi crescendo ao longo do tempo e hoje se tornou a mais importante das festas estaduais, envolvendo milhares de fiéis que dedicam o segundo domingo do mês de outubro para comemorar a data, saindo em grande procissão e organizando lautos almoços e festas diversas.

Carajás - Rica em ferro, manganês, cobre, ouro, bauxita e diversos outros minérios, a província mineral de Carajás abrange área de 429 mil hectares nos vales dos rios Itacaiúnas e Parauapebas, zona de transição entre a floresta amazônica e a savana. Nela se encontra o Projeto Ferro Carajás. da Companhia Vale do Rio Doce.

que produz 35 milhões de toneladas de minério por ano, exportando o produto para diversos países como Japão, Alemanha, Itália, França, Espanha etc.

O complexo Carajás inclui três grandes empreendimentos: a mina, que tem uma reserva de 18 bilhões de toneladas de minério hematítico; a estrada de ferro, com 890 km de extensão; e o porto de Ponta de Madeira, com capacidade para navios de até 360 mil toneladas.

Ilha de Marajó - Cercada pelas águas dos rios Amazonas e Tocantins, e do oceano Atlântico, a ilha de Marajó é a maior ilha flúvio-marítima do mundo, com área de cerca de 50.000 km². Foi habitada por diversos grupos indígenas ao longo do tempo, dentre os quais incluem-se os aruãs, originários das Antilhas, de onde foram expulsos pelos caríbas. Esses índios encontraram na grande ilha o ambiente ideal para viver e criar a sua arte oleira, completada pela série admirável de desenhos geométricos. Grande quantidade desse material foi desenterrado da ilha de Marajó e hoje se encontra distribuído por museus europeus e norte-americanos. São tangas, vasos, urnas funerárias, painéis, pratos, cântaros e jarros fartamente decorados. As cerâmicas marajoaras apresentam gravações em traços ou relevos, de rostos humanos em variadas formas. A tribo aruã era conhecida por ser a mais numerosa na ilha e a mais valente nos enfrentamentos com os portugueses. Sua cultura nativa data de 2.500 anos atrás e teria perdurado até o século XVIII, quando começou a se dispersar pela região do rio Amazonas até desaparecer por completo, ficando as informações a seu respeito limitadas aos registros dos cronistas da época. O mesmo aconteceu com a criativa tribo dos Tapajós, que habitavam a foz do rio Tapajós.

Existem 250.000 habitantes na ilha de Marajó, distribuídos por 12 comunidades, a maior das quais denominada Breves, com 77.253 habitantes. Soure é o pólo turístico, com 20.000 habitantes. Entre as principais praias fluviais da ilha destacam-se a praia de Araruna (2 km de extensão), Pesqueiro (13 km de extensão), e Caju Una (15 km de extensão). A mais procurada delas, no entanto, é a praia Joanes, distante seis horas de barco da comunidade de Soure. Podem ser ainda encontradas na ilha extensas fazendas de criação de búfalos, algumas delas funcionando como hospedagem para turistas.

Também pode ser observado da ilha de Marajó, o fenômeno da Pororoca, encontro das águas do rio com as águas do oceano.

Culinária - A culinária paraense é singular e apreciada em todas as regiões do País. A maioria de seus pratos é de origem indígena, com o aproveitamento dos frutos, ervas e legumes cultivados na região. O peixe é um alimento muito consumido pelos habitantes do Estado, que têm nos seus rios uma das principais fontes de subsistência. Um dos pratos mais conhecidos do Estado do Pará é o "pato no tucupi", que tem sua origem na utilização de patos selvagens pelos índios, que os cozinhavam no tucupi (tipo de suco originário da mandioca). O tratamento da mandioca para tornar-se tucupi é uma receita indígena. Assim como o são a

maniçoba e o tacacá (outras comidas típicas). Os refrescos de frutas são também famosos na região. Entre as mais conhecidas encontram-se o açaí, o bacurí, muricí, buriú, cupuaçu, mangaba e a graviola. A mais popular delas é o açaí, também conhecida como a "Invenção da Floresta". Rica em ferro, dela se extrai um refresco ou vinho, como é chamado na região.

Indígenas - Existem ainda hoje no Estado do Pará cerca de 39 grupos indígenas, espalhados por uma área de 23.819.186 hectares, da qual 8.768.620 hectares já se encontram demarcados. A população indígena estimada pelo IBGE no Estado é de 15.450 habitantes. Entre as maiores comunidades em termos populacionais encontram-se os Andira Marau, que somam 5.825 pessoas distribuídas entre 788.528 hectares nos municípios de Aveiro e Itaituba; e os Mundurukus, que são em número de 2.384 e ocupam área de 948.541 hectares no município de Itaituba. Do total de 39 tribos, 21 já ocupam áreas demarcadas pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Os Kayapós formam o grupo que ocupa a maior área já demarcada pela FUNAI (3.284.005 hectares) .